

Cachoeiras de Macacu tem 15 escolas fechadas

NÍVIA CARVALHO

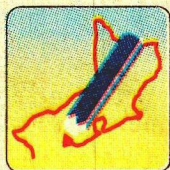
O ano letivo de 1992 ainda não começou para cerca de 500 alunos matriculados na rede estadual em Cachoeiras de Macacu, cidade vizinha à Nova Friburgo. A falta de professores mantém fechadas 15 escolas, todas na zona rural do município. Segundo a presidente do Sindicato Estadual dos Profissionais de Educação (Sepe) local, Mônica Clarice Jardim, em abril, quando foi realizado o concurso de remoção dos professores, 18 escolas ficaram sem aulas. Três foram reabertas, mas funcionam precariamente:

— Imediatamente após a remoção de professores, a secretaria deveria chamar os aprovados em concurso, mas isso não acontece. Enquanto faltam 40 professores de 1ª à 4ª série do Primeiro Grau, há 112 aprovados aguardando serem chamados. Na zona rural, o problema é freqüente e causa sérias consequências. A evasão escolar e o aumento do analfabetismo são algumas delas.

Cachoeiras de Macacu tentou há quatro anos solucionar o problema no âmbito da Prefeitura. Com verbas estaduais para pagamento de pessoal, o Governo municipal se comprometia a manter a rede, com 47 escolas, funcionando. Porém, recorda-se Mônica Jardim, a municipalização não deu certo devido à falta de recursos:

— O estado tem que assumir sua responsabilidade e manter a rede funcionando. A Prefeitura não pode ocupar as escolas com pessoal do município.

O vice-presidente do Sepe local, Deneci de Souza Sardinha, ressalta que o perfil do aluno do campo costuma ser diferente do



Crianças de Cachoeiras de Macacu: concurso de remoção tirou da cidade professores que não foram substituídos

que apresenta o estudante da área urbana. Ele cita, como exemplo, o fato de muitos deles começarem a vida escolar aos 12 anos.

— Encontrar escolas fechadas quando sua força de trabalho faz falta na lavoura ou quando se caminha quilômetros para chegar à escola pode ser considerado um crime — afirma.

De acordo com Mônica Jardim, a Secretaria de Educação só conseguiu reabrir três escolas porque alguns professores, desviados de função, aceitaram cumprir a nova carga horária exigida pelo órgão: 18 tempos semanais. Os desviados de função — professores de 1ª à 4ª série que passaram a lecionar para turmas de 5ª à 8ª série devido à falta de profissionais habilitados — cumprem, normalmente, 16 tempos semanais.

Falta de professores desanima aluna

Julcinéia Xavier Rangel, de 11 anos, que até o ano passado freqüentava a Escola Estadual Amazonas, não tem mais esperança de voltar a estudar este ano. Também não acredita que a falta de professores será solucionada em 1993. Até o mês passado, Julcinéia procurou a direção da escola na expectativa de sair do prédio com a promessa de que o ano letivo seria iniciado. Estudar numa escola em Papucaia, a 15 quilômetros de sua casa, é outra esperança que não pode nutrir, a menos que o horário do ônibus seja alterado.

— A aula começa às 12h, mas o ônibus passa uma hora mais tarde aqui perto — disse ela.

Sem a timidez típica das crian-

ças da zona rural, Julcinéia contou que faltava merenda com freqüência na escola e os alunos, se quisessem comer, tinham de levar leite e açúcar. A irmã, Jilcécia, de 9 anos, poderia freqüentar o colégio, mas não quer.

— Ela não conseguia sair da classe de alfabetização, mas certo ano, quando estudou com uma professora de quem ela gostava muito, passou para a 1ª série. Mas no ano passado ela voltou para o CA e a outra professora gritava com ela e a chamava de burra. Sequer corrigia os trabalhos dela. Parecia não enxergar minha irmã em sala de aula. Com isso, ela não quer mais voltar para a escola — contou Julcinéia.

Ricardo Chaves

Quadro negro

Cinco filhos de lavrador não estudam

Em 1990, o lavrador José Brives ajudou a manter abertas quatro escolas da zona rural. Era ele quem “puxava”, como define sua tarefa de transportar, as professoras da rede estadual numa Kombi pelos 17 quilômetros de estrada de terra batida entre Papucaia e Rio do Mato. Este ano, a falta de professores deixou cinco de seus filhos fora da escola. Ezequias, de 18 anos, continuaria sem estudar mesmo se as escolas estivessem abertas. Como concluiu a 4ª série, só poderia cursar a série seguinte — segundo segmento do Primeiro Grau — num colégio em Papucaia ou no Centro de Cachoeiras de Macacu, a 35 quilômetros de sua casa.

José Brives contou que em

1990, através de um convênio com a Prefeitura de Cachoeiras de Macacu, transportava em sua Kombi as professoras do turno da manhã de quatro escolas da zona rural (Amazonas, Belém, Nova Ribeira e Castro Alves). De acordo com ele, no ano seguinte o valor do serviço não foi reajustado e o transporte das professoras acabou suprimido.

— Algumas vinham a pé ou de carona, já que somente este ano uma linha de ônibus passou a circular por aqui — disse José Brives.

O descaso com o “pessoal da roça”, afirmou ele, é comum. Sua explicação é simples.

— Estamos muito longe da capital. Nosso grito não chega lá — afirmou o lavrador.